

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CENTENÁRIO DO CINEMA DE ANIMAÇÃO PORTUGUÊS
Em Colaboração com a Monstra – Festival de Cinema de Animação de Lisboa
2 de novembro de 2023

PROGRAMA “ESCOLAS PORTUGUESAS DE ANIMAÇÃO”

THE VOYAGER “O Viajante” / 2017

Realização, argumento, animação, música, som: João Gonzalez.

Produção: Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD), I. P. Porto – Licenciatura em Tecnologias e Sistemas de Informação, João Gonzalez / Técnica: animação digital 2D / Cópia: DCP, cor, sem diálogos / Duração: 5 minutos.

ODE À INFÂNCIA / 2017

Realização: João Monteiro, Luís Vidal / Música: Tomás Almeida.

Produção: Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG), I. P. Portalegre – Licenciatura em Design de Animação / Técnica: animação digital 2D e animação tradicional / Cópia: DCP, cor, sem diálogos / Duração: 7 minutos.

ALDA / 2013

Realização: Ana Cardoso, Filipe Fonseca, Liliana Sobreiro, Luís Catalo.

Produção: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – Licenciatura em Animação Digital / Técnica: animação digital 2D e 3D / Cópia: DCP, cor, sem diálogos / Duração: 12 minutos.

A DOENÇA DO DECLÍNIO DO SOBREIRO / 2017

Realização: Gisela Correia.

Produção: Universidade do Algarve (UAlg) – Curso de Animação / Técnica: animação digital 2D / Cópia: DCP, cor, sem diálogos / Duração: 3 minutos.

ONE MINUTE SHOW / 2019

Realização, argumento: Maria Clara Norbacia, Marisa Alves Pedro / Imagem, montagem: Maria Clara Norbacia / Direção de arte: Marisa Alves Pedro / Som: Telmo Mendes.

Produção: Universidade da Beira Interior (UBI) – Licenciatura em Cinema / Técnica: animação de recortes (stop-motion) / Cópia: DCP, cor, sem diálogos / Duração: 3 minutos.

O CACHALOTE / 2017

Realização e argumento: Ana Teixeira, Célia Machado, Joana Coelho, Maria Fontes, Rafael Araújo, Sofia Lacerda / Colaboração no argumento: Kyle Sousa / Desenho de som e banda sonora: Bernardo Libório, Ricardo Melo / Contributos na modelação, animação e pintura: Gabriel Peixoto, Mónica Correia, Sofia Cachim, Francisca Pinto e Paulo Portugal (alunos do 1.º Ano do Mestrado).

Produção: Escola das Artes Universidade Católica Portuguesa do Porto – Mestrado em Som e Imagem (Animação por Computador) / Técnica: animação digital 2D e 3D / Cópia: DCP, cor, sem diálogos / Duração: 6 minutos.

DEPRESSURE / 2012

Realização: David Mourato / Animação 3D: David Mourato, Cristiano Mourato / Animação 2D, FX, pintura: Joana Correia, Mónica Gomes / Desenho de som: Diogo Gomes / Banda sonora: Fernando Mota.

Produção: Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD.CR), I. P. Leiria – Licenciatura em Som e Imagem / Técnica: animação digital 2D e 3D / Cópia: DCP, cor, sem diálogos / Duração: 7 minutos.

PRONTO, ERA ASSIM / 2015

Realização e argumento: Joana Nogueira, Patrícia Rodrigues / Fotografia: Milton Pacheco / Animação: Joana Nogueira, Pedro Oliveira, Vítor Gomes, Patrícia Rodrigues, Verónica Martins, Luís Santos, Raquel Ferreira / Desenho de som: Pedro Pestana / Montagem: Patrícia Rodrigues / Com: Beatriz Liberta, Adão Vieira, Adozinda Marques, Estrela Pinto, Fátima Vieira (vozes).

Produção: Milton Pacheco, Patrícia Rodrigues, Academia RTP 3.0 / Técnica: animação de modelos (stop-motion) complementada com animação digital 2D / Cópia: DCP, cor, falada em português / Duração: 13 minutos.

GALAM'ESSA / 2004

Realização: Carlos Fillipe

Produção: Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD.CR), I. P. Leiria – Licenciatura em Som e Imagem / Técnica: animação tradicional em papel / Cópia: DCP, preto e branco, sem diálogos / Duração: 1 minuto.

NESTOR / 2019

Realização, argumento, animação, montagem: João Gonzalez / Direção musical: João Gonzalez, Miguel Teixeira / Desenho de som: Ed Trousseau, João Gonzalez.

Produção: João Gonzalez, Royal College of Art – Mestrado de Cinema de Animação / Técnica: animação digital 2D e 3D / Cópia: DCP, cor, sem diálogos / Duração: 6 minutos.

Duração total da sessão: 63 minutos

Está ainda por fazer uma história do ensino do cinema em Portugal. Descontando as escolas de atores do período do mudo (penso na escola de Rino Lupo onde Manoel de Oliveira estudou – e através da qual teve a sua primeira aproximação ao cinema) e outros momentos pontuais de pedagogia do cinema por meio de coletividades ou cineclubes (recordo-me da Secção de Cinema Experimental do Cineclubes do Porto através da qual figuras tão díspares como António Reis ou Ângelo de Sousa experimentaram pela primeira vez a prática do cinema), pode-se afirmar que o primeiro curso de cinema ministrado em Portugal foi o Estúdio Universitário de Cinema Experimental da Mocidade Portuguesa, promovido por António da Cunha Telles em 1961 e que transpôs para a realidade portuguesa a metodologia do IDHEC (L'Institut des hautes études cinématographiques), onde o produtor e realizador tinha estudado – é através deste curso que Fernando Matos Silva, Acácio de Almeida e Elso Roque começam a trabalhar no meio. Uma década depois, surge outro curso cinema, desta feita promovido por outra figura chave do Novo Cinema, António de Macedo, no Instituto de Novas Profissões – formação de pouca dura, mas onde Monique Rutler iniciou o seu percurso de cineasta. E, logo em 1973, inicia-se a Escola Piloto do Conservatório Nacional de Cinema que daria origem à atual Escola Superior de Teatro e Cinema.

Ao longo de pelo menos três décadas, a Escola de Cinema foi o único local de formação na área do cinema e, por incapacidade, desinteresse ou desfastio, nunca se considerou o cinema de animação no âmbito do programa curricular do Conservatório (numa primeira fase) e do Politécnico de Lisboa (numa segunda). O afunilamento do ensino do cinema em torno das preocupações do cinema ficção descuidou, de forma consistente, outras práticas cinematográficas, como a animação, o documentário e o dito cinema experimental. Se é certo que face a estas últimas, a Escola Superior de Teatro e Cinema tem sabido incluir e atualizar as suas áreas de formação, o cinema de animação continua ausente dos seus horizontes pedagógicos. A isso, alia-se uma monocultura junto dos sucessivos Institutos do Cinema que, só a partir do final dos anos 1990, começam a multiplicar as tipologias concursais, abrindo linhas de financiamento especificamente para Primeiras Obras, Cinema Documental, Cinema de Animação (curta, série e, mais recente, longa-metragem), entre outros. É neste contexto que começa,

igualmente, a surgir uma panóplia mais diversificada na área da formação de cinema, tanto no contexto das universidades privadas (a Universidade Lusófona à cabeça e mais recentemente o Mestrado em Imagem e Som da Escola das Artes da Universidade Católica do Porto com a sua especialização em “Animação por Computador”), como no rendilhado dos politécnicos (Porto, Leiria, Portalegre e Cávado e do Ave, sendo que é nestes dois últimos que se oferecem os únicos cursos em instituições públicas especificamente dedicados ao cinema de animação) ou enquanto áreas de estudo ou de especialização dentro de cursos artísticos em universidades públicas como a da Beira Interior ou do Algarve.

Os filmes de hoje apresentam-se enquanto panorama dos vários locais de ensino do cinema de animação em Portugal ao longo das últimas duas décadas – com especial enfoque na última meia dúzia de anos. Assim sendo, com exceção da ESAD (Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha) de que se apresentam dois títulos, quase todos os estabelecimentos de ensino que oferecem formação específica em animação estão representados: ESMAD (Escola Superior de Media Artes e Design – I.P. Porto), Instituto Politécnico de Portalegre, Universidade Lusófona de Lisboa, UAlg - Universidade do Algarve, UBI - Universidade da Beira Interior e Universidade Católica. E, embora, **Pronto, Era Assim** (2015) de Joana Nogueira e Patrícia Rodrigues tenha sido produzido no âmbito de um projeto de curta duração promovido pela televisão pública, intitulado Academia RTP, ele envolveu ainda recursos do estabelecimento de ensino em falta (e que formou a dupla de realizadoras), a Escola Superior de Design do IPCA - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, com o seu mestrado em “Ilustração e Animação”.

A sessão abre e encerra com o “aluno de ouro” da animação portuguesa recente: João Gonzalez, realizador de **Ice Merchants** (2022), a curta de animação portuguesa que primeiro chegou à nomeação dos Oscars. A primeira curta-metragem de João Gonzalez, filme autoproduzido como trabalho final de graduação no Instituto Politécnico do Porto, **The Voyager/O Viajante** revela uma dimensão autobiográfica através da personagem de um pianista agorafóbico, preso no seu pequeno apartamento, apartado do mundo exterior e longe do rebuliço da cidade – isto porque Gonzalez estudou também piano é dele tanto a composição original como a interpretação musical no filme (o que se tornaria uma recorrência nos filmes posteriores). O seu segundo filme, **Nestor** (que fecha a sessão), realizado no mestrado de Animação do Royal College of Art (onde têm estudado alguns portugueses, nomeadamente Joana Silva e Margarida Rêgo), dá continuidade aos temas e preocupações da curta anterior. Se **The Voyager** trata de uma personagem ansiosa que sofre de agorafobia e tem na música o seu único escape (servindo-se do poder hipnótico das melodias para “viajar” – como explica ironicamente o título – fora dos limites da sua pequena habitação), **Nestor** apresenta um navegador que vive sozinho com a sua obsessão-compulsão pelo arrumo, num barco onde o constante balançar tudo trata de desarrumar. Conjuntamente com o referido **Ice Merchants** é possível delinear uma “trilogia do isolamento”, sendo que os dois primeiros títulos associam a solidão às questões da doença mental.

Além de ser possível encarar os três filmes como uma trilogia una, é igualmente importante perceber como, de modo sucessivo, as opções formais de João Gonzalez se foram aprimorando, assim como as suas preocupações narrativas se foram tornando mais claras. É evidente que, de filme para filme, o realizador se foi tornando mais ambicioso, não só em termos de duração (cerca de quatro minutos, seis e, por fim, catorze), mas também em complexidade, tanto do ponto de vista da fluidez da animação e do detalhe do desenho, na construção das personagens, no uso da cor e no jogo das sombras, no trabalho simbólico em torno dos cenários e objetos, a modelação do espaço doméstico por oposição ao exterior e, claro, na profundidade alegórica das metáforas visuais. Ainda assim, além de uma expectável maturação, é possível identificar um desenvolvimento no sentido de uma relação mais próxima e profunda com o entorno (social, natural, emocional), que se descreve numa progressiva abertura do espaço de ação narrativo. Assim, começar e terminar a sessão com os dois primeiros filmes de escola de João Gonzalez ilustra bem a dimensão pedagógica do alinhamento dos filmes e apresenta o ensino do cinema de animação enquanto processo de progressivo melhoramento.

Entre os dois filmes de escola de João Gonzalez, a sessão apresenta outros oito títulos que revelam

uma grande variedade de técnicas de animação. Aliás, é frequente encontrar-se filmes em que duas ou mais técnicas são trabalhadas. **Ode à Infância**, que é um trabalho em animação digital 2D, inclui uma curta sequência de animação tradicional com lápis de cera – que ilustra de forma lírica a afinidade entre as duas personagens; **Alda** combina a modelação 3D dos cenários com desenhos de personagem em 2D; **O Cachalote** é maioritariamente construído em animação 3D, mas nas sequências subaquáticas passa para 2D; e **Pronto, Era Assim** é integralmente feito em *stop-motion* (animação de modelos de plasticina) ao qual se sobrepõem alguns elementos de animação digital 2D. Esta necessidade de demonstração de capacidade técnica e de virtuosismo revela a dimensão pedagógica dos exercícios e, provavelmente, os enunciados dos trabalhos ou cadeiras em que foram produzidos. Se é certo que há uma viragem para o digital e que a maioria dos trabalhos são feitos através de imagens geradas por computador, é curioso notar como **One Minute Show** trabalha a técnica da animação de recortes (estilo Terry Gilliam) e **Galam’Essa** é o único exercício de animação tradicional em papel – exemplos de técnicas e estéticas que o digital veio tornar (aparentemente) obsoletas.

Outro aspeto relevante na diversidade do programa hoje apresentado é ainda as diferentes tipologias ou abordagens à animação. Se o predomínio é o género narrativo de pendor ficcional, há dois títulos que quebram esse molde e optam por seguir diferentes subgéneros dentro do universo do cinema de animação: **A Doença do Declínio do Sobreiro** entende as possibilidades gráficas da animação enquanto veículo de informação, aproximando-se da infografia e do documentário científico; **Pronto, Era Assim** baseia-se em testemunhos de várias pessoas idosas e, a partir dessa recolha sonora, interpreta e questiona as histórias de cada uma a partir do desenho de personagem (cada figura representa diferentes aspetos da individualidade dos entrevistados), assumindo-se assim como “documentário animado” em modo “talking heads”, onde as cabeças falantes ora são uma cafeteira de duas peças, uma balança, um microfone de rádio ou uma jarra quebrada – definitivamente o mais tocante e conseguido dos filmes deste programa (e uma das melhores animações portuguesas dos últimos anos).

Se é certo que a maioria destes filmes segue modelos narrativos algo convencionais (o que reflete o estado da animação portuguesa – e não só), a sessão espelha com bastante acuidade a tendência para a produção de objetos que não dependam da palavra – falada ou escrita. A quase totalidade dos filmes constituem-se exclusivamente a partir de processos discursivos visuais, o que revela o máximo aproveitamento das possibilidades narrativas da animação, mas igualmente uma modelação dos trabalhos segundo critérios de internacionalização que excluem as particularidades linguísticas e culturais em que foram realizados. Se é certo que em **Alda** é possível encontrar um reflexo da tragédia da Aldeia da Luz e a sua destruição pela barragem do Alqueva e em **O Cachalote** há vestígios das tradições baleeiras açorianas, sente-se uma certa tendência para um esperanto animado destituído de qualquer particularidade cultural e apenas demonstrativo das capacidades técnicas dos seus produtores (contexto de que João Gonzalez não está excluído).

Independentemente de tudo isto, a presente seleção de dez curtas-metragens expõe o estado do ensino da animação em Portugal. E isso não deixa espaço para dúvidas: nunca houve tanta oferta de formação específica, tantos alunos interessados (e interessantes) e tantos filmes de animação como em anos recentes. Espera-se que com a sistematização dos apoios específicos à produção de animação em Portugal se crie uma continuidade de trabalho que possa acolher e incluir estes jovens animadores no frágil tecido cinematográfico português.

Ricardo Vieira Lisboa